

PEQUI COM CÂMERA APRESENTA: O PRIMEIRO ANO DO PEQUI ATUALIDADES

Leonardo Gomes Esteves¹
leonardogestevs@gmail.com

Vivian Ferreira de Amorim²
vivianamorimx@gmail.com

Afonso Damásio Rossi³
afonsorossi@gmail.com

Resumo: Este artigo pretende relatar as atividades do primeiro ano do Pequi atualidades, espécie de cinejornal poético desenvolvido pelos alunos do projeto de extensão Pequi com Câmera – Produtora experimental do Curso de Cinema e Audiovisual da UFMT. Os objetivos são, primeiramente, destacar como este trabalho se insere no que tradicionalmente se comprehende como o formato cinejornal; segundo, descrever as metodologias empregadas em cada uma das três produções realizadas pelo projeto em 2019, salientando a participação dos estudantes no processo produtivo. Cada um dos três vídeos realizados para o Pequi atualidades é analisado individualmente, em ordem cronológica.

Palavras-chave: Cinema universitário. Cinejornais. Pequi atualidades. Pequi com Câmera.

Abstract: This article aims to report the activities of Pequi atualidades first year, a kind of poetic newsreel developed by the students of the extension project Pequi com Câmera - Experimental Production Company of UFMTs Film and Audiovisual Course. The objectives are, first, to highlight how this work fits into what is traditionally understood as the cinejournal format; second, describe the methodologies used in each of the three productions carried out by the project in 2019, highlighting the participation of students in the production process. Each of the three videos made for Pequi atualidades is analyzed individually, in chronological order.

Keywords: Film school. Newsreels. Pequi atualidades. Pequi com Câmera.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo reportar las actividades del primer año de Pequi actualidades, una especie de noticiero poético desarrollado por los estudiantes

¹Docente dos cursos de Cinema e Audiovisual e Radialismo do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Mato Grosso/ UFMT.

²Estudante de graduação do Curso de Radialismo da Universidade Federal de Mato Grosso.

³Estudante de graduação do Curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal de Mato Grosso.

del proyecto de extensión Pequi con Câmara - Productora Experimental del Curso de Cine y Audiovisual de la UFMT. Los objetivos son, en primer lugar, resaltar cómo encaja este trabajo en lo que tradicionalmente se entiende como formato cinejournal; segundo, describir las metodologías utilizadas en cada una de las tres producciones realizadas en 2019. Cada uno de los tres videos realizados para Pequi actualidades es analizado individualmente, en orden cronológico.

Palavras clave: Cine universitário. Noticieros. Pequi atualidades. Pequi com Câmara.

“Meu principal esforço é encorajar os jovens a usar novas tecnologias não com a pretensão de fazer grandes filmes comerciais, mas de tentar de alguma forma utilizá-las como ferramenta para capturar o fluxo da vida ao seu redor”.

Želimir Žilnik⁴

“Na escola, é fundamental que cada aluno individualmente seja confrontado ao menos uma vez à plena e total responsabilidade de um gesto de criação, com tudo o que este envolve de escolha, espírito de decisão, aposta, excitação e agitação”.

Alain Bergala⁵

1 INTRODUÇÃO

O Pequi com Câmara – produtora experimental do Curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal de Mato Grosso – é um projeto de extensão que nasce em março de 2018, a partir de uma demanda do curso de Psicologia do mesmo campus. Prestes a completar 10 anos de existência, os professores cogitaram realizar a produção de um vídeo institucional que contasse o processo de formulação do curso e as principais conquistas ao longo da década. Entretanto, não possuíam os meios para fazê-lo. A partir de um contato com a coordenação do curso de Cinema, recém-criado, encomendam a realização do vídeo. Coordenado pelos Professores Leonardo Esteves e Moacir Francisco de Barros, o Pequi é primeiramente colocado em prática

⁴ Tradução nossa. Disponível em: <https://www.cineaste.com/fall2010/old-school-capitalism-an-interview-with-zelimir-zilnik>. Acesso em 15.11.2020.

⁵ Em *A hipótese-cinema*, p. 206, 207.

para trabalhar nessa demanda do curso de Psicologia, ainda com poucos alunos e equipamentos e sem nenhuma previsão de continuidade.

Cerca de um ano e meio mais tarde, e após outros trabalhos para dentro da UFMT e para organizações de fora da universidade, o projeto atinge um número expressivo de inscritos: cerca de 30 estudantes de cursos variados como Cinema, Radialismo, Jornalismo, Ciências sociais e Engenharia de Transportes. Passa-se então a pensar na criação de um projeto que seria produzido pelos alunos e que, de certa maneira, servisse como registro que documentasse não apenas a evolução do curso, mas, sobretudo, o desenvolvimento dos próprios estudantes: a forma como pensam, se expressam, reagem a determinados acontecimentos contemporâneos. Dessa ideia nasce o Pequi atualidades, que também passa a estabelecer uma atividade fixa, constante, dentro do projeto, intercalando diferentes equipes.

Pensado como um cinejornal, mas em uma abertura poética do formato, o Pequi atualidades inicia suas atividades no segundo semestre de 2019. Produz três exemplares em poucos meses e os exibe no auditório da UFMT, na sessão de encerramento da 18ª Maual – Mostra de Audiovisual Universitário e Independente da América Latina. O presente artigo busca relatar o processo de produção do primeiro ano do Pequi atualidades, destacando individualmente o trabalho em cada um deles. Dessa forma, o texto se divide em quatro segmentos. O primeiro pretende apresentar um panorama do formato já extinto dos cinejornais, sua relevância na história do cinema brasileiro e as questões econômico-culturais que estão atreladas a ele. Nesta etapa, pretende-se ainda destacar de que forma o Pequi atualidades destoa do formato em sua abordagem poética. Os três segmentos seguintes irão discorrer sobre cada um dos exemplares produzidos, que são, respectivamente: Os belos da Belo Belo; Alunos falam: Ancine; e Mulheres fazem cinema (que bom que conseguimos).

2 CINEJORNais – UM BREVE APANHADO HISTÓRICO SOBRE O FORMATO

Nos dias de hoje, os cinejornais podem ser considerados como artefatos obsoletos. Com a proliferação e miniaturização de telas, assim como a velocidade cada vez maior com o qual a informação circula, nada mais justifica um jornal no

formato cinematográfico abrindo para filmes de longa-metragem em salas de projeção. Há mais de 100 anos, entretanto, o mundo era outro e a única tela possível era a do cinema. Esses breves filmetes surgiram como uma grande novidade, sendo rapidamente incorporados pela produção brasileira, ainda durante a fase da chamada bela época do cinema brasileiro⁶.

Em 1910, o exibidor Francisco Serrador produz o primeiro cinejornal brasileiro, *Bijou Jornal*, que tinha como destinatário a sala *Bijou-Theatre*, sua primeira em São Paulo. Nos anos seguintes aparecerão cinejornais espalhados em diversas cidades do Brasil, como Salvador, Pelotas, Recife e Rio de Janeiro. Mas a periodicidade desta produção comprometida em documentar em imagem em movimento fatos e aspectos verídicos do cotidiano era ainda irregular⁷. Nenhum material desses primeiros anos foi conservado.

É apenas na década seguinte que uma produção de vulto irá se consolidar em torno dos cinejornais. Subvencionado com verba do governo de São Paulo, Gilberto Rossi, um cinegrafista de origem italiana, produz o *Rossi atualidades*, ativo entre 1921 e 1931 e de grande expressão. Outros cinejornais irão incorporar o vocábulo “atualidades”, que vem dos cinejornais franceses, intitulados “actualités”, como o “Gaumont-actualités”, fundado no início dos anos 1910.

A partir de 1934, com a criação da lei que obriga a exibição de um complemento nacional antes do filme em salas de exibição brasileiras, os cinejornais passam a ganhar uma atenção especial. Grandes companhias produtoras, cujo foco era até então o filme de ficção, passam a investir no formato, sabendo que a exibição seria obrigatória e rentável. Ao longo das décadas de 1930 e 50, veremos a Cinédia atualidades e a Atualidades Atlântida, para citar dois estúdios de grande envergadura surgidos nesse período.

O fim dos cinejornais no Brasil se dá ao longo da década de 1970 por motivos óbvios. Os avanços tecnológicos da televisão – a produção de material jornalístico

⁶ A bela época (1908-1911) se configura como o primeiro ciclo próspero da história do cinema brasileiro, na qual os filmes nacionais ocuparam 50% do mercado exibidor, patamar que jamais chegou a ser novamente alcançado. Para maiores informações ver Araújo (1976) e Bernardet (1995).

⁷ Todas as informações factuais sobre os cinejornais são retiradas de Souza (2000), exceto quando indicado.

veiculado cada vez mais próximo ao tempo real dos acontecimentos – tornam defasados o conteúdo e o modo de produção desses filmetes jornalísticos para as salas de cinema. Soma-se a esse fato o aumento do número de televisores e maior alfabetização da população, que passa a consumir o noticiário impresso.

Segundo Bernardet (2009, p. 38), são os filmes de não-ficção que sustentam a produção brasileira nas primeiras décadas do século passado. O pesquisador aponta para o fato de que esses trabalhos de não ficção, sejam eles naturais ou cinejornais, chamados eventualmente de “filmes de cavação”, tiveram um “tradicional desprezo” pelos livros de história do cinema brasileiro (*Ibidem*, p. 43). Pois estes estariam mais interessados em considerar em uma narrativa histórica apenas os filmes de ficção. Portanto, falar sobre os cinejornais significa, de certa forma, discorrer sobre um segmento marginalizado.

Já nesse século, a partir das primeiras experiências com projetores digitais em salas comerciais, usados apenas para exibir propagandas e trailers, enquanto o filme era ainda projetado em 35mm, nota-se um evento que parece resgatar o espírito dos cinejornais. Trata-se do informe “IG – notícias do último minuto”, que consistia na projeção de uma dezena de fotografias acompanhadas por uma manchete abaixo. Esses informes eram comuns nas salas do Grupo Severiano Ribeiro, no Rio de Janeiro, por volta de 2005. Passavam antes dos anúncios e trailers. A mesma estratégia de veicular fotografias e manchetes será retomada na década seguinte, mas em telas menores, no interior dos ônibus intermunicipais.

O Pequi atualidades pretende incorporar alguns aspectos do cinejornal em um sentido dilatado, poético. Não há intenção de noticiar acontecimentos seguindo a gramática jornalística empregada nos filmetes do século passado – que para os dias de hoje seria igualmente defasada. As atualidades estão voltadas para um objeto central: os alunos, seus projetos e ideias, suas formas de ser na contemporaneidade. De uma forma geral, os filmetes derivados da ação do Pequi documentam a história paralela, que afeta os alunos e os fazem reagir à sua maneira, provocando resultados locais que interagem com um contexto maior. Se mais acima observamos, a partir de Bernardet, que os cinejornais foram marginalizados pela história, propensa a

considerar com maior ênfase os filmes de ficção, o Pequi atualidades, de certa forma não estaria tão alheio a tal condição. Os vídeos não são produzidos com o intuito de serem inscritos em festivais de cinema e concorrer a prêmios, mas a circular de forma livre entre estudantes e educadores pela internet.

Nos próximos segmentos, veremos pautas que atendem a discussões mais amplas e muito mais complexas, mas que são trabalhadas a partir dos alunos na atualidade: o cineclubismo e a manutenção de um espaço guetificado de reflexão cinematográfica; as reações à política de descarte cultural promovida pelo governo Bolsonaro; e o empenho em somar esforços para o reconhecimento e a valorização das mulheres em diversos setores profissionais.

3 PEQUI ATUALIDADES #1 – OS BELOS DA BELO BELO (5'15")⁸

Se há uma atividade essencial quanto à reflexão cinematográfica, o cineclubismo se demonstra como a prática de análise e discussão fílmica que fundamentalmente visa a formação crítica e teórica de um realizador ou qualquer amante da área. Sua natureza reflexiva se contrapõe à histórica posição de passividade frente às telas no circuito hegemônico. Não à toa, alunos da 2^a turma do curso de Cinema e Audiovisual da UFMT, Pablo Paz, Olavo Fernandes, Antonio Cuyabano e Diego Cavalcante, inauguraram a Sessão Belo Belo de Cinema, realizada no Cineclube Coxiponés.

Sendo o primeiro projeto de extensão criado por iniciativa dos alunos do curso de Cinema, a sessão teve como inspiração a necessidade de ocupação dos espaços da universidade, explicitada nas aulas de Cinema Brasileiro. Em março de 2019, apoiados pelo então coordenador do cineclube, o professor Diego Baraldi, iniciam as projeções com o filme *Cinema paradiso* (1990), de Giuseppe Tornatore. Em média, a lotação da sala é de 12 espectadores, embora o espaço consiga ocupar um número de até 40 pessoas. Com uma programação diversificada, a curadoria é composta mensalmente na intenção de contemplar a vastidão do cinema mundial.

⁸ Disponível em: <https://youtu.be/aE6ShINilWY>. Acesso em 15.11.2020.

Esquematicamente são dispostos: um filme nacional, um clássico hollywoodiano, um europeu e uma sessão dedicada a outros países, acompanhados de curtas variados que compõem a discussão dos longas-metragens.

No entanto, com o surgimento da pandemia e a imposição das medidas sanitárias e de distanciamento social, as sessões foram interrompidas por tempo indeterminado. Para contornar a situação, o grupo direcionou esforços para o desenvolvimento de conteúdos para internet, em redes sociais. Nelas são feitas desde postagens simples contendo trechos de filmes e indicações, a vídeos extremamente elaborados; análises fílmicas – principalmente produções mato-grossenses –; e ensaios sobre linguagem cinematográfica. Além disso, o grupo conta hoje com a participação de mais duas integrantes, Leila Sayuri (2º semestre) e Luisa Gratão (4º semestre).

Vale salientar também que o núcleo da Belo Belo é atuante no Pequi com Câmera, principalmente nas reuniões do grupo de estudos Pequi crítica, atividade semanal dedicada à leitura reflexiva sobre diferentes críticas produzidas pelos alunos. Em conveniência, os filmes que conduzem o grupo são justamente os da programação já mencionada. A sessão Belo Belo é, portanto, uma iniciativa inédita e importante na história do recém-criado curso de Cinema e Audiovisual da UFMT.

O primeiro exemplar do Pequi atualidades não poderia, portanto, ser dedicado a outro assunto. O vídeo é uma tentativa de transmitir em tela a experiência cineclubista na formação do espectador e a atuação dos alunos no fomento de discussões que complementam significativamente a experiência cinematográfica.

Uma equipe composta por cinco alunos se encarregou da produção do registro pelo Pequi com Câmera: Fernanda Fidelis (Radialismo, 6º semestre), Michell Miranda (Cinema, 2º semestre), Igor Matos (Cinema, 3º semestre), Damásio Rossi (Cinema, 3º semestre) e Dhyego Rodrigues (Jornalismo, 2º semestre). Na produção, era esperado que cada aluno colaborasse em uma das áreas de atuação: dois ficariam responsáveis pelas filmagens, um pela captação de som, um pela produção e outro atuaria como entrevistador. Infelizmente, no dia da gravação, os equipamentos que seriam utilizados para o vídeo ficaram retidos dentro em um cômodo ao lado da sala

de projeção. O mal-entendido se deu devido aos horários do Cineclube. No momento da gravação, o responsável pelo espaço com a chave da sala estava em uma atividade externa, incomunicável.

Mas, como esperado, há dificuldades na produção de qualquer trabalho em audiovisual, principalmente universitário, dependente de equipamentos que muitas vezes não estão à disposição dentro da própria instituição de ensino. Na realização inaugural do Pequi atualidades é perceptível uma pequena perda na qualidade de imagem e som, pois toda a captação teve de ser feita de forma alternativa. As imagens estão nitidamente tremidas e em baixa resolução, parte por conta do equipamento, inferior, mas também pela câmera ter sido manuseada por um aluno com menos experiência em seu manuseio. O som, também extraído da câmera, apresentou problemas, além de ruídos originados pelo ar condicionado, que permaneceu ligado, reduzindo a compreensão do que é falado pelos alunos. O gravador de som do projeto, assim como as câmeras, como dito, ficou indisponível, retido em uma sala do cineclube.

Mas nada disso, portanto, foi motivo para que a produção parasse. As gravações prosseguiram de improviso, com uma câmera emprestada para a produção, cedida por um aluno que não fazia parte do projeto. Com a câmera na mão, Michell desempenha o papel de cinegrafista, função da qual não tinha muita experiência, mas ainda assim conseguiu produzir planos precisos, como os utilizados em uma trucagem inicial na montagem do cinejornal. Logo após o título, um jogo de olhares se instaura na juxtaposição dos planos, um ambiente descontraído se expressa pelo riso das pessoas, compondo esse espaço do cineclube. É, de certa forma, uma ilustração a tudo aquilo que nos é dito pela música utilizada ao fundo, *Não tem tradução*, de Noel Rosa: “O cinema falado é o grande culpado da transformação, dessa gente que sente que um barracão prende mais que o xadrez”.

Mesmo o vídeo iniciando a partir da comemoração dos fundadores da Sessão Belo Belo em relação ao aumento de espectadores, essa edição inaugural do Pequi atualidades gira em torno da seguinte questão: onde está o público? É evidente que o alcance de um cineclube é limitado, o acesso muitas vezes é o principal problema.

A divulgação também. Principalmente quando estamos falando de um espaço interno à universidade, que nos inclina a considerar apenas o público universitário. Pablo Paz é quem propõe o questionamento: “Um estudante de cinema, que é um calouro, chega e fala: ‘Não, esse povo da Belo Belo só passa filme cult’”. O tom de deboche nessa fala é significativo, há uma espécie de negação sobre os filmes propostos que causa uma certa indignação nos criadores da sessão.

No dia da gravação de Os belos da Belo Belo, os filmes exibidos eram: o curta Vereda tropical (1977) e o longa Macunaíma (1969), ambos de Joaquim Pedro de Andrade. Este diretor, coincidentemente, é referência ao nome da sessão (Belo Belo), um chiste que surge a partir de seu curta O poeta do castelo (1959). Vereda (uma aproximação ao cinema erótico) e Macunaíma (um diálogo com as chanchadas) podem, por sua vez, inspirar ainda um comentário metalinguístico. Macunaíma, assim como o próprio Vereda, pode ser considerado como um filme de reconciliação, produzido já nos últimos anos do movimento o qual fazia parte. O Cinema Novo percebe seu distanciamento do público ao longo da década de 1960 e passa a buscar uma linguagem mais convencional, de fácil adesão pelo grande público. A falha dessa tentativa de aproximação é, entretanto, comum ao pesar expresso pelos alunos em torno da repercussão da Sessão Belo Belo. O apelo não dependeria daquilo que é somente submetido ao que é agradável ou não, mas também de uma abertura que o espectador necessita para desfrutar do filme. Isso implica em diversas questões, como o excesso de filmes padronizados que dominam as salas de cinema em todo o país, acarretando na falta de hábito e paciência do espectador a enfrentar propostas menos convencionais. Pode-se até dizer que o cinema não teria mais o mesmo impacto, mas, por outro lado, ainda tenta se afirmar como um lugar de pensamento ativo, crítico, em pequenos espaços como os cineclubes.

O aluno encarregado de conduzir a entrevista, Dhyego, chega a perguntar aos criadores da Belo Belo sobre alguma forma de incentivo material para chamar a atenção do público. Relata que em uma de suas experiências cineclubistas, em Barra do Garças, eram emitidos certificados a cada filme, valendo como horas extracurriculares para os alunos que participavam. Todos discordam e Olavo

Fernandes ainda comenta: “Acho que a pessoa tem que optar por vir, é mais interessante ela vir por conta do filme do que por uma recompensa”.

É isso que essa sessão quer afirmar, o interesse pelo filme e nada mais. Ali quem assiste é um público variado, alunos de diversos cursos, professores. Não desempenham apenas o papel de receber algo, mas também o de se colocar, questionar aquelas imagens. Dos comentários mais inocentes às questões imbricadas, o intuito é acrescentar o debate ao desfrute dos filmes. Em síntese, Olavo comenta: “A parte mais bacana, além de ver os filmes juntos, é a discussão pós-sessão, debater o filme, pensar sobre o filme. Porque é isso que faz o cineclubismo”.

4 PEQUI ATUALIDADES #2 – ALUNOS FALAM: ANCINE (16’54”)⁹

Para este segundo exemplar do Pequi Atualidades, a pauta foi motivada pelas sucessivas declarações do presidente Jair Bolsonaro em relação à Agência Nacional de Cinema (Ancine). Já nos primeiros meses de seu mandato, após extinguir o Ministério da Cultura, onde a Ancine estava “lotada”, Bolsonaro manifestou em diversas ocasiões a intenção de controlar o órgão. E mesmo mais do que isso: controlar a produção cinematográfica que era realizada com verbas do Fundo Setorial do Audiovisual (FSA). Em um discurso moralista, no papel de um censor, declara: “Não posso admitir que, com dinheiro público, se façam filmes como o da Bruna Surfistinha. Não dá. Não somos contra essa ou aquela opção, mas o ativismo não podemos permitir, em respeito às famílias”. Entre uma e outra manifestação, chega a cogitar a intenção de fechar a agência. Já o seu então Ministro da Cidadania – ministério onde a Ancine havia sido alojada –, Osmar Terra, observa que “Estamos com um cinema que não tem público. Gasta-se muito dinheiro e não tem público”¹⁰.

A discussão sobre o descaso do governo com o cinema brasileiro, que irá se aprofundar em 2020 com a crise na Cinemateca Brasileira, já era, portanto, uma pauta relevante para os alunos a partir de meados de 2019. O assunto reverberava

⁹ Disponível em: <https://youtu.be/H23NIhy1FRU>. Acesso em 15.11.2020.

¹⁰ MAIA, G.; MENDES, A.; GIANNINI, A. Bolsonaro: “Não posso admitir filmes como Bruna Surfistinha com dinheiro público. **O globo**, Rio de Janeiro, 19 jul. 2019. Segundo caderno, p. 2.

entre grupos de Whatsapp e mesmo no decorrer das aulas. Em 14 de agosto daquele ano, por volta das 9:30 da manhã, foram reunidos no estúdio de rádio do Departamento de Comunicação quatro alunos então no terceiro e segundo semestre do Curso de Cinema para que debatessem livremente sobre o assunto. Os integrantes da mesa foram: Damásio Rossi, no papel de mediador, Henrique Koberstain, Larissa Acosta Canavarros e Pablo Borges Paz. O registro foi filmado pelas alunas Sophia Cardoso (do curso de Radialismo) e Mayara Campos (aluna de jornalismo).

O debate durou aproximadamente 90 minutos. O grupo conversou de forma despojada, abordando desde comentários sobre as polêmicas declarações do presidente até assuntos de cunho livre, como preferências por determinadas obras e tópicos como “vamos falar mal de um filme”. A ideia era, a partir de uma certa informalidade, emular um estágio descolado da rigidez acadêmica, se identificando com a energia de um encontro despretensioso. A riqueza do material trouxe um verdadeiro desafio à edição. Como sintetizar uma hora e meia em mais ou menos 15 minutos?

Originalmente, a ideia do Pequi Atualidades era de produzir pequenos filmetes sempre com duração curta, de aproximadamente cinco minutos. Os belos da Belo Belo inaugura a proposta do formato como ele foi, portanto, pensado. Mas no caso desse segundo exemplar, foi necessário repensar a medida. Não se justificava ser tão curto. Cada aluno seria muito mal aproveitado se tivesse em média pouco mais de um minuto de fala, tendo, cada um, se expressado na ocasião de forma bastante extensa. Fechar o corte final por volta de 15 minutos pareceu então um ponta pé inicial para ir se trabalhando sobre a decupagem. Isso implicou em já estabelecer um olhar bastante acurado na hora de rever o material e decidir o que poderia ficar e o que deveria ser descartado.

A decupagem impôs um problema imediato: como tornar linear o raciocínio do debate se foram extraídos extensos trechos? Como sequer tornar compreensível o desenvolvimento de certos temas com o corte “correndo solto”? De forma a tentar driblar esses problemas e, mais uma vez, se apoiando em um certo despojamento, ficou decidido que essas lacunas seriam interessantes se somadas à

pesquisa de linguagem, que já era prevista durante a pré-produção. Já era um consenso nas primeiras reuniões sobre o projeto que o debate filmado, se reproduzido nas normas convencionais do cinema ou do jornalismo, poderia resultar entediante. Talvez já o fosse com cinco minutos. Imagine com 15? Uma das primeiras ideias era, a todo momento, “jogar” com a sincronia. Fazer crescer sobre o debate apresentado pelos alunos um exercício estético produzido na montagem de tornar imagem e som assíncronos.

Sobre a qualidade de som, é preciso abrir um parêntese aqui sobre a locação e sobre o material utilizado para a edição. Como o curso ainda não conta com equipamento completo de captação de som e o Pequi com Câmera possui apenas um gravador Zoom H6 sem microfones, o estúdio de rádio acabou sendo a única opção viável para captar as saídas de áudio com a qualidade necessária. Nesse caso, para a edição, contamos com um arquivo de áudio com tudo o que foi proferido pelos alunos nos quatro microfones; um arquivo de imagem e som (apenas como referência de som guia) de uma câmera que permaneceu imóvel boa parte do debate, operada pela aluna Mayara Campos, enquadrando os alunos e a mesa em um plano de conjunto; e diversos arquivos de uma segunda câmera, também com som guia, operada na mão de forma improvisada e intuitiva pela aluna Sophia Cardoso.

A decupagem foi feita através do arquivo de áudio, sem referências visuais. Uma vez selecionado os trechos, eles foram sincronizados com os materiais filmados, sendo o áudio original de cada câmera, usado como guia, substituído pelo do arquivo da mesa do estúdio. Nesse processo de sincagem, constatou-se que nem todas as imagens eram tão expressivas em todos os momentos; e que, durante uma fala, a câmera móvel por vezes se locomovia e desenquadava o objeto, perdendo foco e, em seguida, o corrigindo. Essa constatação amadureceu a ideia de problematizar a sincronia e ficou decidido que boa parte desses momentos, nos quais a câmera acabava por filmar sua própria locomoção ou readaptação, seria de grande valia para a proposta. O despojamento encontrava coerência tanto no debate quanto na forma de filmá-lo.

Um outro aspecto que compõe o material e dificultou muito o ajuste para fazer o vídeo obter uma duração de cerca de 15 minutos – que acabou não atingindo a meta, durando 16'54" – foram os registros externos. Eles são: um vídeo gravado por Vera Zaverucha, ex-diretora da Ancine, e divulgado em redes sociais; trechos em áudio de discursos de Bolsonaro; e excertos dos curtas produzidos pelos alunos e citados de forma genérica durante a mesa.

No caso de Vera Zaverucha, sua participação no Pequi Atualidades #2 tem ainda um papel simbólico. Em seis de setembro de 2018, Zaverucha esteve na UFMT e ministrou uma masterclass a partir de seu livro, Desvendando a Ancine, para os alunos dos cursos de Cinema e Radialismo. Além do vídeo gravado por ela em 2019 para as redes sociais, na qual faz uma reflexão sobre o momento no qual a Ancine passava, foi utilizado no PA #2 um registro de sua palestra, filmado pelo Professor Alessandro Flaviano. Nesse sentido, fica também registrada no exemplar do Pequi Atualidades a vinda da ex-diretora da Ancine para a UFMT, o primeiro evento desse porte no curso de Cinema e Audiovisual.

Para as falas de Bolsonaro, optou-se por colocá-las sempre sobre uma imagem de ruído de televisão, correspondendo a ideia de um apagão, de “tirar do ar” a programação. Esse fundo também está presente no vídeo de Zaverucha, como uma contextualização do momento delicado o qual passa a Ancine, prestes a ser “desligada” por Bolsonaro.

Por fim, os filmes dos alunos. Dois curtas tiveram trechos enxertados sobre as falas dos estudantes. Eles são: Fotografia (2019), de Pablo Paz e Olavo Fernandes, e Caelífera (2019), de Larissa Canavarros e Gabriella N. Ritterbusch. Mais do que apenas ilustrar as falas – na ocasião, discorre-se sobre as dificuldades de produzir os curtas sem nunca os citar pelos nomes –, trazer as imagens das produções tem ainda a função de torná-las visíveis. Ainda que em uma parte mínima e sem som. É uma forma de conservação da memória da produção, dando uma ideia do aspecto visual de cada trabalho, contextualizando-os no momento específico em que foram produzidos.

Todo o trabalho de edição foi realizado pela aluna Sophia Cardoso, que teve total liberdade criativa para improvisar a partir do tom estabelecido ao longo do processo. Boa parte do trajeto inicial de finalização foi realizado na TV Universitária da UFMT (TVU), local onde Sophia, na ocasião, era estagiária. A aluna observa:

O processo de montagem do Pequi Atualidades #2 foi um processo muito íntimo e também muito criativo, onde eu pude exercitar essa criatividade, analisar o material que estava trabalhando em diferentes formas de narrativa, que não foram a sua narrativa natural, da forma como estava gravado (...) foi uma experiência muito calorosa, muito engrandecedora para que eu entendesse verdadeiramente qual o sentido da montagem em formas diferentes, em um novo formato¹¹.

Foi posteriormente pensado que, dentro do Pequi atualidades, poderia ser desenvolvida uma série a partir do título Alunos falam, na qual o tema do debate estaria sempre relacionado com algum assunto imediato.

5 PEQUI ATUALIDADES #3 – MULHERES FAZEM CINEMA (QUE BOM QUE CONSEGUIMOS) (10'53")¹²

O encontro com uma realizadora local e alunas do curso de graduação de Cinema e Audiovisual e Radialismo da UFMT proporcionou uma troca de ideias sobre filmes, cenário audiovisual, experiências de trabalho, carreira e outros assuntos. Formando uma espécie de roda de conversa, a cineasta Glória Albues contou para as alunas que começam a trilhar pelo audiovisual um pouco sobre sua vida e trajetória artística. Toda conversa foi gravada para a produção do Pequi Atualidades #3- Mulheres Fazem Cinema.

Antes da realização, Glorinha, como é carinhosamente chamada, era desconhecida pela maior parte do grupo – talvez por uma grande distância entre os alunos, a cultura local e a participação de figuras femininas no audiovisual. O desconhecimento se transformou em admiração e curiosidade sobre sua carreira.

¹¹ Depoimento de Sophia Cardoso por meio eletrônico a Leonardo Gomes Esteves, Vivian Ferreira de Amorim e Afonso Damásio Rossi em 22.11.2020.

¹² Disponível em: <https://youtu.be/lnInpgRKHRA>. Acesso em 15.11.2020.

Glória Albues vive e trabalha em Cuiabá, possui cerca de 25 produções entre documentários e obras de ficção. Trabalha no audiovisual mato-grossense desde o final da década de 1970 como roteirista e diretora de vídeo, televisão e cinema. Formada em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso e jornalista profissional, assina suas obras na maioria das vezes como roteirista, diretora e montadora.

Desde a pré-produção do Pequi atualidades #3, na qual se formou um grupo composto por quase todas as participantes femininas do Pequi com Câmera, as alunas se organizaram, dividindo-se em funções para a realização do projeto. Nessa fase foi o momento de entender em que ocupação cada uma tinha maior afinidade. Os papéis ficaram divididos da seguinte forma: produção: Luisa Gratão e Karine Queiroz; captação de som: Karina Campos; edição e montagem: Ana Mello; fotografia: Vivian Amorim e Sophia Cardoso; assistência: Leila Sayuri e Laiza Cassiano. Mas, no fim, todas circularam em quase todos os papéis, formando uma grande equipe de trabalho onde puderam aprender um pouco de cada função.

Muito desse encontro teve o intuito de registrar a fase em que todas estão passando, como estudantes em busca de inspirações e conhecimentos. Além de trabalhar em um espaço de sororidade, no qual é mais fácil compartilhar momentos de dificuldades, sobretudo se espelhar em mulheres fortes, que abriram caminhos no mercado audiovisual regional.

As inseguranças mostradas por muitas integrantes durante o processo demonstram o quanto as mulheres podem se sentir diminuídas no momento de emitir uma opinião ou fala. O sentimento de achar que não é capaz de realizar uma atividade por não estar 100% segura reflete uma sociedade que por muitas vezes diminui e põe em dúvida a capacidade das mulheres. Nesse quadro, aumenta-se a cobrança em seu desempenho e cria-se a sensação de que deve se estar sempre em um patamar acima para que possam ser ouvidas.

No primeiro momento, durante a pré-produção, foram organizadas sessões para que todas as integrantes assistissem juntas a alguns filmes da cineasta com o intuito de abrir discussões e entender mais sobre sua carreira cinematográfica. Foram

assistidos os seguintes filmes: P.S: Glauber, te vejo em Cuiabá (1986), Nó de Rosas (2007) e A trama do olhar (2009).

Nessas sessões aconteceram vários problemas em relação ao local de exibição, porque a intenção era que as alunas assistissem aos filmes juntas, em boa qualidade e tela grande. Com essas condições, uma das alternativas era projetá-los no Cine Teatro Cuiabá, onde a aluna Karine Queiroz tinha alguns contatos para agilizar a sessão. Contudo, a sala já estava ocupada nos dias mais oportunos para o grupo (onde mais da metade estava disponível) e a ideia foi descartada. Outra opção era a exibição no Sesc Arsenal Cuiabá, onde a aluna Sophia Cardoso tinha estagiado. Mas, novamente, não houve sucesso devido ao problema de horário.

Para finalizar a saga, o local escolhido para assistir as produções foi o Cineclube Coxiponés, na UFMT, onde foram realizadas cerca de duas sessões. Os filmes foram exibidos sem imprevistos ou maiores problemas, provocando curtas discussões entre o grupo ao final. Foi uma etapa importante para a preparação de questionamentos para a próxima fase, a do encontro com a diretora e gravação.

A preparação do encontro com Glória Albues e seu registro foi cuidada pela aluna Luísa Gratão, que entrou em contato com ela e conseguiu um dia e horário que atendesse a todas. O primeiro local sugerido foi a própria casa da diretora, porém foi alterado devido a uma reforma e em seguida adiado por conta de uma viagem da mesma. Apesar dos pesares, o grupo não desistiu e o encontro acabou ocorrendo na UFMT.

O local da conversa entre diretora e alunas foi a pequena sala do Pequi com Câmera. O encontro foi enfim gravado, mesmo depois de tantos adiamentos. Um fato curioso foi que, ao entrar na sala, uma das primeiras frases dita por Albués foi “finalmente, ainda bem que deu certo”, manifestação que pode atravessar várias camadas de leitura e acabou sendo incorporada ao corte final.

Durante a preparação do cenário, foram trabalhados alguns elementos de arte. Como nova decoração da sala, foram fixados nas paredes cartazes de filmes; uma grande mesa, pegada emprestada do Centro Acadêmico do curso de Letras, foi carregada no braço pelas alunas até o primeiro andar, onde fica a sala do Pequi;

outras decorações de diversas ordens foram elaboradas para compor o cenário; e, por fim, foram providenciados comidas e café para os presentes. Os equipamentos usados na filmagem foram: três câmeras da universidade, um refletor para iluminação e um gravador de som do Pequi.

A conversa teve duração de cerca de uma hora entre falas de Albués sobre seus filmes, carreira e perspectivas para o futuro. A proposta era produzir um encontro no qual as ideias fluíssem naturalmente. Não no formato de uma entrevista muito formal, mas em um estilo mais livre. Tudo ocorreu sem grandes imprevistos.

Entre as falas de Glória Albués, uma das que mais reverberaram entre as alunas foi quando a diretora comentou que sentia mais preconceito por ser mulher hoje em dia do que antigamente. Foi uma fala que ninguém esperava ouvir, pois ela contraria a ideia de evolução e os sucessivos esforços atuais de militância, que preveem a igualdade entre gêneros. O aumento da participação da mulher na indústria do audiovisual é uma pauta recorrente que vem ganhando força. Dados mostram a falta de representatividade feminina e por isso é importante estar atento às barreiras impostas às mulheres. Segundo a Agência Nacional de Cinema (2018) em uma análise de filmes lançados comercialmente em 2016, os homens brancos estão na direção de 75,4% dos longas. Baseado nesses dados, pode-se estipular que o cinema brasileiro é geralmente contado a partir do ponto de vista do homem branco.

Para a escrita deste segmento do trabalho, foram utilizados depoimentos de três integrantes do projeto, cada uma em fases diferentes da graduação. As alunas Leila e Luísa estavam, respectivamente, no primeiro e no terceiro semestre do curso de Cinema; Karine, no penúltimo semestre de Radialismo. Essas três perspectivas foram usadas com a intenção de entender como essa experiência impactou de forma diferente cada uma delas.

Leila Sayuri relata:

“Era como se nós fossemos uma produtora de fato e que todos tinham seu papel delegado, foi muito legal fazer tudo isso na prática (...) Foi incrível quando a gente se encontrou com aquela cineasta mato-grossense. Por mais que a gente seja daqui, não conhecemos o cineasta daqui e na verdade é fundamental conhecer, mas a gente tem essa falha (...)”¹³.

A aluna observa que, “por sorte ou destino”, teve o privilégio de entrevistar em seu primeiro semestre uma figura tão importante no cenário local, o que, acredita, irá trazer boas influências à sua trajetória.

Já Luisa Gratão destaca três pontos: sobre sua primeira experiência com produção, seu contato com a cineasta e a formação de um grupo só de meninas:

“Trabalhar com produção para mim foi uma coisa totalmente nova que o Leonardo me confiou e eu nunca tinha trabalhado na área, não tinha feito nada (...) E hoje, no meu estágio, faço produção (...) Foi uma área em que eu me descobri, se não fosse esse projeto talvez não teria ido para ela”.¹⁴

Sobre a importância de trabalhar com meninas:

“Essa questão de ter criado um grupo só de meninas e de correr atrás de entrevistar mulheres e fortalecer, isso foi muito rico e muito importante, eu espero que a gente continue fazendo isso com outras cineastas e dando oportunidade de mais mulheres falarem sobre suas áreas de atuação no cinema”.

Karine Queiroz, por outro lado, estava no papel de conduzir a entrevista. Esta foi direcionada a entender de que forma a vivência da cineasta contribuiu para a construção de suas obras: “(...) o que a gente gostaria muito era de trocar ideia sobre as experiências dela como cineasta, como mulher, principalmente a maneira como a vivência dela contribuiu para a construção das suas obras”¹⁵. Karine ressalta, em especial, sua surpresa com o comentário da cineasta citado acima, o qual afirma sentir mais preconceito atualmente por ser mulher do que em outros tempos.

¹³ Depoimento de Leila Sayuri por meio eletrônico a Leonardo Gomes Esteves, Vivian Ferreira de Amorim e Afonso Damásio Rossi em 16.11.2020.

¹⁴ Depoimento de Luisa Gratão por meio eletrônico a Leonardo Gomes Esteves, Vivian Ferreira de Amorim e Afonso Damásio Rossi em 19.11.2020.

¹⁵ Depoimento de Karine Queiroz por meio eletrônico a Leonardo Gomes Esteves, Vivian Ferreira de Amorim e Afonso Damásio Rossi em 19.11.2020.

Logo após a filmagem foi iniciada a pós-produção. O número de integrantes envolvidas foi menor, devido à natureza do trabalho, mais minucioso, e por falta de familiaridade da maioria com o programa de edição utilizado, o Premiere. Em suma, foi um momento de criar uma narrativa na montagem e intervir com os imprevistos que aconteceram durante a filmagem.

Entre os imprevistos, destacamos aqui o problema com a iluminação, que interferiu em boa parte do resultado final e no conceito adotado posteriormente. O material captado por algum motivo, ficou com a luz bem amarelada e no decorrer da gravação era mais evidente e mais forte essa cor. A sala ficou literalmente da cor da fruta pequi. Já que isso não era visualmente agradável, foi adicionado um filtro azulado para neutralizar, o que ajudou bastante. De forma a apaziguar as discrepâncias entre câmeras, foram também adicionadas imagens de preenchimento.

A luz também proporcionou algumas interpretações que surgiram depois do projeto pronto. Na análise da aluna Karine Queiroz, a iluminação criou um recorte na sala onde parte parecia iluminada e parte na penumbra. No corte final, é realmente visível a discrepancia entre o teto amplo e a linha sombria no meio do enquadramento, provocado pelo bandoor do refletor. Tendo isso em vista, Karine surge com a ideia de que todas estavam em uma caixa brilhosa, aberta, de ideias que vão além da academia e ecoam para o mundo, fazendo-as voarem e se expandirem para mais pessoas, saindo do eixo universitário.

As integrantes Karine Queiroz e Ana Mello foram as mais envolvidas na edição, com auxílio de outras integrantes que foram em vários dias ajudar a finalização. Pode se dizer que Ana estava em uma posição de liderança nesse processo devido à sua experiência em edição de vídeos. E Karine era a integrante mais presente nos dias de edição.

O *Mulheres fazem cinema* estava programado, como os demais Pequi atualidades, para estrear no encerramento da Maual 2019. Entretanto, diferente dos outros, não estava finalizado. Foi então iniciada uma batalha contra o tempo para sua entrega no prazo da estreia, pouco mais de uma semana depois do encontro com Glória Albués.

Muitas horas de discussão foram gastos nos laboratórios de edição de vídeo da universidade. Foram usadas manhãs, tardes e noites, inclusive fins de semana, como algumas manhãs de sábado, para a fase de edição, indo por vezes até às dez da noite. No meio de toda essa correria, o Pequi atualidades #3 foi finalizado em apenas algumas horas antes do início do encerramento da Maual, onde foi projetado pela primeira vez.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda no início de suas atividades, o Pequi atualidades pretende se tornar, ao longo dos anos, uma sólida fonte documental responsável por registrar não apenas as mudanças dos tempos como, sobretudo, o desenvolvimento do pensamento estudantil. Poderá não servir apenas ao histórico do Curso de Cinema e Audiovisual da UFMT, mas a pesquisadores que se debruçarem sobre cinema e educação, ou políticas de ensino.

Os três exemplares apresentados neste artigo fazem parte de um mesmo momento, que durou aproximadamente quatro meses. A intenção nessa primeira etapa do Pequi atualidades foi, portanto, explorar pautas internas (a Sessão Belo Belo) e externas (desmonte da Ancine pelo governo Bolsonaro, protagonismo da mulher no cinema), estimulando os estudantes a refletir sobre o momento. Compreendemos que este empreendimento vai além do simples treinamento de práticas e técnicas. Busca-se estimular o desenvolvimento crítico do aluno e fazê-lo abrir o apetite no que concerne a lidar com os enormes desafios que estarão presentes em sua vida após a universidade. O Pequi com Câmera compartilha do esforço de Žilnik (apud DECUIR, 2010), citado na epígrafe, quando ele observa a importância de fazer o jovem utilizar as novas tecnologias como “ferramenta para capturar o fluxo da vida ao seu redor”. O Pequi atualidades pode ser visto como uma experiência afirmativa dessa filosofia, como procurou se demonstrar nos relatos trazidos ao longo do texto, escritos, em boa parte, por alunos que participam do projeto.

O curto tempo dessa empreitada ainda impede que se possa fazer afirmações sobre seus efeitos em um âmbito regional. É preciso considerar que a reclusão acarretada pela pandemia causou impactos sobre o Pequi atualidades. Com outras duas propostas então em vias de iniciar a realização, foi necessário interromper as atividades e repensar o formato. Foi criada uma série composta por três exemplares intitulada Esquema quarentena, na qual os alunos produziram de casa pequenos vídeos em torno da temática do isolamento social e a cinefilia. Mas isso já é um outro assunto.

REFERÊNCIAS

ANCINE. **Diversidade de Gênero e Raça nos Longas-metragens Brasileiros Lançados em Salas de Exibição 2016.** Disponível em:

https://oca.ancine.gov.br/sites/default/files/repositorio/pdf/informe_diversidade_2016.pdf. Acesso em 22/11/2020.

ARAÚJO, V. P. **A bela época do cinema brasileiro.** São Paulo: Perspectiva, 1976.

BERGALA, A. **A hipótese-cinema:** pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola. Rio de Janeiro: Boolink, 2008.

BERNARDET, J.-C. **Cinema brasileiro:** propostas para uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. **Historiografia clássica do cinema brasileiro.** São Paulo: Annablume, 1995.

DECUIR, G. Old school capitalism: an interview with Želimir Žilnik. **Cineaste**, vol. XXXV, n. 4, 2010. Disponível em: <https://www.cineaste.com/fall2010/old-school-capitalism-an-interview-with-zelimir-zilnik>. Acesso em 15.11.2020.

MAIA, G.; MENDES, A.; GIANNINI, A. Bolsonaro: “Não posso admitir filmes como Bruna Surfistinha com dinheiro público. **O globo**, Rio de Janeiro, 19 jul. 2019. Segundo caderno, p. 2.

SOUZA, J. I. M. Cinejornais. In: RAMOS, F. P.; MIRANDA, L. F. (Orgs.). **Enciclopédia do cinema brasileiro.** São Paulo: SENAC, 2000, p. 170-172.

XAVIER, I. **Alegorias no subdesenvolvimento.** São Paulo: CosacNaify, 2012.